

# Vanzolini e o que a música lhe deu

Ele é versátil: acadêmico da área da Zoologia e um dos grandes compositores da MPB. Como falar sobre Universidade não é tão agradável quanto a sua produção musical, compositor e fã optaram, então, pelo samba. Foram sessenta minutos de conversa animada sobre as músicas que compôs e as parcerias deste representante da boa safra da música do Brasil

**Mario Rui Feliciani**

**P**aulo Vanzolini é um compositor de amigos.

Fui até sua casa de vila por uma consulta ao zoólogo para um livro de fotos sobre a Universidade. Tinha já me dito, telegráfico, que sobre o assunto do livro não tinha como ajudar. “Venha quando quiser, mas sobre isso não tenho contribuição, meu trabalho é diferente.” Ele ainda ignorava que minha razão maior era o encantamento por sua música, a caixinha *Acerto de Contas*, cujas letras já sabia de cor. Receberam-me, ele e Ana Bernardo, a ótima intérprete de *Seu Barbosa*, com café e água. Achei que cerveja seria mais adequado, mas fui protocolar e envergonhado, e não sugeri.

No caminho, ouvindo MP3 no carro, tinha listado meus sambas favoritos e marcado aqueles sobre os quais gostaria de esclarecer um ou outro ponto, para mim, obscuro na letra. Uma grande lista, “grande demais”, pensei, não contava falar de tudo. Falamos sobre muito mais. Recebeu-me por uma hora. Meio tímido, fui eu quem deu o final do encontro, pois não vi um único sinal de impaciência.

Disse-lhe, de cara, que o punha na primeira fila dos grandes compositores nacionais, pelas ótimas músicas e,

principalmente, pelo coloquial, pelo humor das letras, nunca triviais, muitas vezes doloridas, e pelas mulheres, nelas tratadas sem adulação.

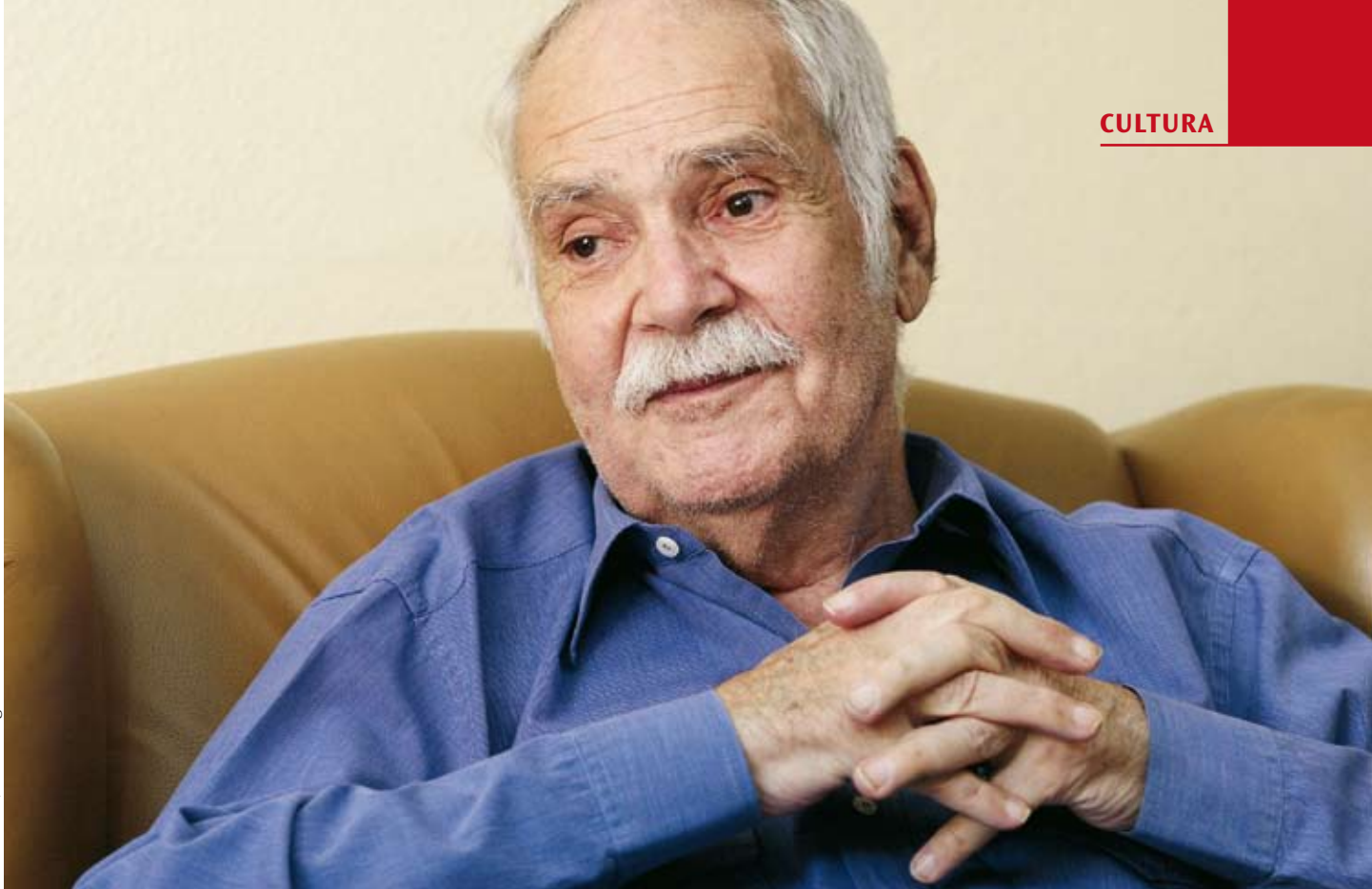
Paulo Vanzolini não adula as mulheres quando fala de amor, defeito de muitos compositores brasileiros, esses verdadeiramente machistas.

E Paulo não se quer adulado. Baixou os olhos toda vez que elogiei sua obra. Dizem (parece que os orientais) que não se deve responder aos elogios. Paulo não responde, olha o chão de seu interior. Chão que ele e Adoniran traduziram à perfeição.

Para não deixar cair a peteca, espiei minha lista de músicas e fui perguntando. Tentando encadear, para não transformar o encontro em interrogatório policial.

Sobre o *Cuitelinho*, disse que Paulo Xandó, amigo de viagens, a mostrou para ele, cantada por um barqueiro. Eles a recolheram. Houve uma injustiça no registro da música, que já corrigiu. Perguntei se tinha mexido na letra, e me contou que alguns versos eram quebrados, mal recordados pelo barqueiro, e os ajeitou.

No encontro confirmei uma desconfiança que tem me acompanhado por anos: a estrofe “A tua saudade corta / como aço de navaia / o coração



fica aflito / bate uma a outra faia, / os zóio se enche d'água / que até a vista se atrapaia" foi Vanzolini quem escreveu. Eu me empolguei: "Bate uma a outra faia", Paulo, é um dos meus versos favoritos na MPB".

"É verso de médico", riu. "Os cardiologistas gostam."

Já tinha valido a viagem. O enigma do *Cuitelinho* estava resolvido, mas muito viria ainda. Quando havia silêncio, às vezes eu tentava falar sobre o trabalho para a Universidade, afinal era para isso que tinha ido até lá. "A Universidade não é fácil."

E voltávamos ao samba. "A música me deu muita satisfação."

Li na lista *Amor de Trapo e Farrapo* e lhe disse ser música que eu e minha mulher ríamos juntos: éramos nós. E ficamos nos sambas sobre as mulheres. Conte também, já ia mais íntimo, que diante de alguns versos minha mulher se espantava, por masculinos demais. Apenas sorriu, sorri também, conversa de homem, de salão.

"Quem é Irede, Paulo?" (da música *Trato do Homem* - "Diga Irede o que quiser / o que mais enfeita a mulher / ainda é o trato do homem"). "É minha amiga Irede Cardoso, lembra dela, a vereadora feminista? Botei aí, provocação." Disse-lhe que a ideia de que o amor embeleza a mulher tinha sido usada por Chico Buarque, em *Anos Dourados*, com Tom ("no nosso retrato / pareço tão linda"), e arrisquei que há muita influência da música de Paulo na de Chico.

Recusou fortemente. "De jeito nenhum! Chico tinha dezoito e me mostrou *Pedro Pedreiro*, dezoito! Uma música perfeita, nem sabia que ele fazia sambas e me mostrou aquilo pronto." "Você não sabia, mas vai ver que ele te ouvia", eu disse. "De jeito nenhum." Fim de papo.

"Paulo, até onde eu sei, só você, Noel e Chico com Edu fizeram músicas sobre leilão. Três lindas músicas." "O Chico tem uma? Não conheço."

"Pra mim, a sua é a melhor", disse eu.

"*Leilão* era a preferida do Luiz Carlos Paraná. O Paraná morreu com cirrose sem nunca ter bebido, decorrência de hepatite infantil. Eu estava com ele no momento."

Amigo perdido.

Elogiei *Napoleão* ("pondo a modéstia de parte / é Napoleão Bonaparte e eu / que sabemos na verdade / o quanto dói uma saudade"). Só olhou para baixo, manteve a modéstia. "A música me deu muita alegria."

Citando Luiz Gonzaga Neto, amigo, esse meu, que me acompanha no entusiasmo diante de "Longe de casa eu choro / e não quero nada", eu lhe disse que é música de amor a São Paulo, sem aquelas críticas que sempre permeiam as letras sobre a cidade. "Fiz essa letra quando estudava nos Estados Unidos. Saía pela rua, chorava muito e pensava: 'O que estou fazendo aqui, longe de São Paulo?'" Elogiou Gudin, parceiro genial que botou música nessa letra, e Paulinho Nogueira, parceiro em outras.

*Seu Barbosa* foi encomendada por Paraná, que ia dar uma medalha, no Jograal, a Adoniran. Encomendou um samba que falasse dele e fosse à sua moda. Música de amigo.

*Capoeira do Arnaldo* foi provocação de Arnaldo Pedroso d' Horta: "Você se diz compositor e não tem nenhuma capoeira". "No dia seguinte mostrei essa." Música de amigo.

*Peça de Albene* é sobre uma mulher que ia ao bar de calcinha e sutiã, apenas enrolada em um pano, preso só com alfinetes ("quem põe a mão se cutuca" – genial interpretação de Pii). "Só tinha um livro: a *Enciclopédia Britânica*." Música de amigo.

*Samba Abstrato* mostrou também a d' Horta, ainda sem título, e no dia

seguinte estava no *Jornal da Tarde*, batizada. Música reconhecida por amigo.

Falou de parceiros mais uma vez. "É difícil achar parceiros." Amigos parceiros, uma ou outra mágoa. Elogiei de novo: "Seus sambas são variados, tem à moda do Adoniran, uns ficam bem na voz do Paulinho

**"Paulo Vanzolini  
é homem de amigos.  
Nem me conhecia  
e me recebeu como  
amigo"**

da Viola, outros na voz do Chico ou na do Carlinhos Vergueiro, porque são sambas para eles, mesmo que isso não fosse deliberado".

"O Paulinho sempre me pede que ponha letras nas músicas dele, mas não sei fazer música por encomenda."

"Não faço mais músicas. A última foi 'quando eu for, eu vou sem pena / pena vai ter quem ficar'. Fiz quando estava sozinho numa fazenda, tava lá sozinho e fiz."

"Eu já te disse e repito, você, pra mim, está entre os grandes da MPB."

"Nada, fiz pouca música. Para completar a caixinha *Acerto de Contas* foi difícil. Alguma coisa eu esqueci, mas não é importante ter esquecido." "O Caymmi também fez poucas, isso não importa", respondi. "Fez mais do que eu." "Um pouco mais, mas não importa", insisti.

"Um grande cara o Caymmi, bom amigo. Divertido. Compositor magnífico. Uma vez o encontrei num lugarejo de meio de mato sentado numa soleira tocando violão."

Contei-lhe que *Volta por Cima* é música que me tocou, muito menino ainda, sem saber por quê. Lembrança definitiva de infância como o gosto de pizza, por causa do azeite, que não tinha na minha casa; como o cheiro da cama de meus pais, quando me recebiam entre eles de manhã; como a primeira visão do santuário de Congonhas do Campo; como o toque na primeira cintura de moça, no bailinho de garagem, lá em Jundiaí.

Disse que não consegue traduzir *Volta por Cima* para o inglês. "Você criou uma expressão." ❄

**Mario Rui Feliciani** clica, escreve e tem enorme inveja de quem compõe. Publicou os livros *Dobras*, de contos, e *Quando o Carteiro Chegar*, de fotografias. É colaborador do site [www.weblivros.com.br](http://www.weblivros.com.br)

#### Samba abstrato

Calado eu luto,  
Serenou e resoluto,  
Mas, de minuto em minuto,  
Sinto que a força se esvai.  
Eu me mantenho e sustento,  
Da fibra e do pensamento,  
Mas, de momento em momento,  
A resistência descai.  
Respiro fundo,  
Pois, de segundo em segundo,  
Mais cresce o peso do mundo.  
Jesus Cristo sendo o Pai.  
Resisto, porém não sei até quando  
No fim acabo ajoelhando,  
Mas a coragem não cai.

Mas ninguém pense  
Que não estou muito consciente  
De que fundamentalmente  
Não existe diferença  
Entre morrer pela crença  
E ser igual a toda gente.

É tudo um sonho,  
Tudo uma sombra, uma ideia,  
Autor, ator e plateia,  
Espero que o pano caia  
Pra sair batendo palma  
Ou romper na maior vaia,  
Ou dizer muito ao contrário  
Que espetáculo tão frouxo  
Nem merece comentário.

#### Teima quem quer

Que teimosia,  
Nada nos une e tudo nos separa  
Só quando a vida para  
E o tempo se distrai  
No momento que vai  
Do grito ouvido ao vidro estilhaçado  
É que eu paro ao teu lado,  
E nós trocamos vidas perdidas por horas roubadas.

Teima quem quer.

Deixa disso, mulher.  
A sorte não dá pra todos  
Mas não escolhe a quem falta.  
De um lado tem maré alta,  
Do outro, praia de fora.  
Quem não tem juízo é que chora,  
Quem tem é que não se toca,  
Deus sabe o dia e a hora,  
Aperta, mas não sufoca.  
Entre o grito e o estilhaço  
Cabe outra vida na vida  
Todo um mundo entre meus braços.

Teima, sim, quem quer.  
Deixa disso, mulher.